



# Presença no litoral

**Expansão** Início das aulas em novo câmpus efetiva a atuação da UFRGS fora de Porto Alegre

Everton Cardoso

O mês de setembro de 2014 representa, para a UFRGS, um marco único: iniciam-se as aulas no Câmpus Litoral Norte, o primeiro fora de Porto Alegre. Tal como tem acontecido com o Rio Grande do Sul, de maneira geral desde meados do século XX, também a Universidade estabeleceu suas primeiras relações com a região costeira primeiramente por sua vocação turística: em 1958 foi construída no balneário de Tramandaí uma colônia de férias pensada para o lazer de servidores e estudantes. Essa aproximação com o mar, no entanto, começou a se modificar a partir do final da década de 1970, quando das primeiras atividades que, depois, dariam origem ao Ceclimar – instalado desde 1983 em Imbé. Desde então, a aproximação com Tramandaí e a região, em termos acadêmicos, foi aos poucos se estreitando com a criação do curso de Ciências Biológicas com ênfase em Biologia Marinha e Costeira e em Gestão Ambiental Marinha e Costeira, oferecido em cooperação com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Na avaliação do vice-reitor da Universidade e pró-reitor de Coordenação Acadêmica, Rui Vicente Oppermann, esse novo passo é sinal de que se aproxima ainda mais a relação que a Universidade já mantinha com a região nos seus três eixos de atuação – ensino, pesquisa e extensão. “A decisão de expandir essas atividades na forma de um câmpus tem origem na política da administração federal, a partir do Governo Lula, de ampliar a atuação das instituições federais de ensino superior com a criação de novas universidades ou com a expansão das existentes”, explana. A partir dessa perspectiva, a UFRGS identificou duas regiões que não eram contempladas por instituições federais de ensino superior: o Litoral Norte e a Serra. “A opção por iniciarmos esse processo pelo litoral se deve a essa ligação que existia anteriormente e também ao fato de a comunidade

de lá ter-se organizado rapidamente”, justifica. Tanto é que a UFRGS recebeu da prefeitura de Tramandaí uma área de 15 hectares para suas instalações. “Para a Universidade, é um grande desafio, pois é o primeiro câmpus fora de Porto Alegre”, aponta o vice-reitor.

Para a diretora do Câmpus Litoral Norte, Dalva Padilha, este é um projeto importante para a Universidade. “É algo que vai mudar o perfil da região, e não temos dúvida do papel importante que essa expansão tem para a UFRGS também”, aponta. A professora diz que este é um momento em que, pela dimensão do passo que a instituição dá, está sendo observada com muita atenção por diversos segmentos. Ao que Rui acrescenta para asseverar o quanto este é um momento importante: “A Universidade sempre foi muito cuidadosa no que faz, principalmente

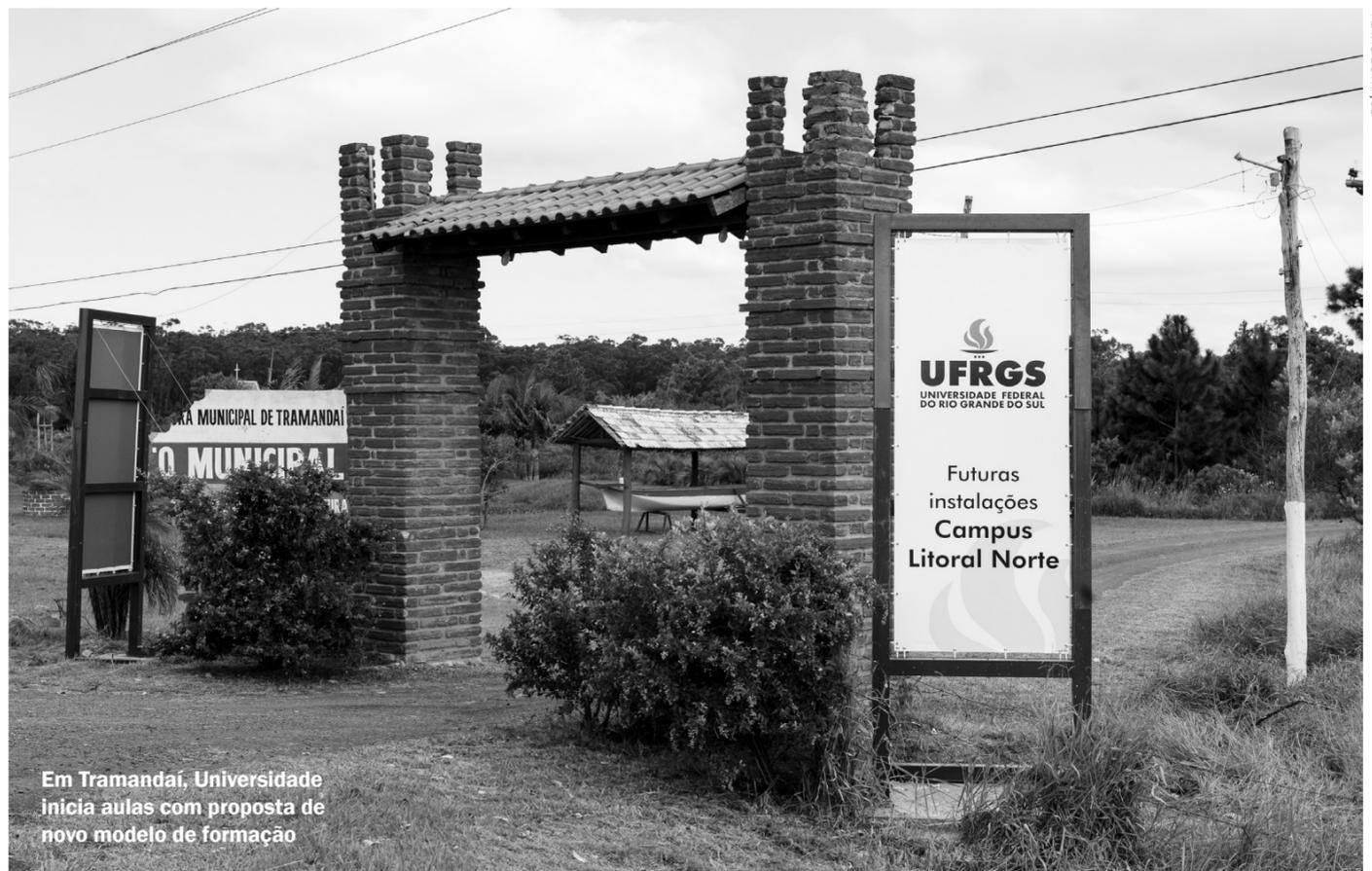
no que se refere a coisas novas”. Dalva, inclusive, enfatiza o perfil qualificado da equipe que está sendo formada e o entusiasmo desses profissionais como evidências de que há boas perspectivas para esse processo de expansão. A intenção é que, em cinco anos, o câmpus conte com 1.500 estudantes somente na graduação, sem contar as possibilidades advindas das atividades extensionistas e de pós-graduação, que já aparecem como planos.

**Desenvolvimento regional** – Talvez a principal particularidade do novo câmpus da Universidade seja a opção por um modelo de formação em nível superior não baseado nos formatos de graduação já oferecidos na sede, em Porto Alegre, mas a partir de uma perspectiva mais ampla. Isso se traduz no Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecno-

logia, primeiro curso de graduação com acesso universal ofertado na nova sede – na Licenciatura para a Educação do Campo, o acesso é, por ora, restrito a professores já em atuação na rede pública de ensino. Ao terminar essa etapa de três anos de estudos, o acadêmico poderá dar continuidade à sua formação por meio de ênfases mais específicas, que terão duração de um ano e meio. Estão previstas formações em Geografia para a área energética e também com foco no desenvolvimento regional.

Na avaliação de Rui Oppermann, esse profissional com formação multidisciplinar pode ser capaz de lidar com as particularidades de uma região que é marcada pela sazonalidade e que, por isso, demanda um tipo de planejamento bastante específico. “A sociedade brasileira está se sofisticando e

surgem novas profissões”, diz sobre um profissional que deve estar apto para fazer projetos e elaborar políticas que visem a um desenvolvimento integrado. Dentro do projeto pedagógico do curso, cada graduando traça sua trajetória, escolhendo disciplinas que lhe pareçam adequadas à formação que projeta, sempre tutorado pelos professores. De acordo com Dalva Padilha, a expectativa é receber estudantes de todo o Brasil, já que a entrada para essa graduação será igual aos demais cursos da UFRGS, com acesso universal e por cotas no vestibular, e também por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que utiliza a nota do Enem como forma de seleção. “Ainda que haja carência em algumas áreas na região, esses profissionais devem ser preparados para atuar em qualquer lugar do mundo”, afirma.



Em Tramandaí, Universidade inicia aulas com proposta de novo modelo de formação

FLÁVIO DUTRA/JU

## Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor

antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

### ► Vamos coletar?

Difícilmente se inventam palavras – como *fluifim*, *ensimesmado*, do Guimarães Rosa, ou o *teadorar*, do M. Bandeira. Arrisco dizer que os desapegados da cultura oficial transitam com mais desenvoltura por entre a relva dos neologismos. Guimarães também bebeu com eles. De modo simples, esse fato da língua se faz ou com uma junção de palavras, ou pelo acréscimo de sufixos, ou, ainda, por um deslocamento de sentido – dentro dos significados possíveis para a raiz. *Desnascer* seria uma possibilidade de sufixação, e *amarelar*, um caso de deslocamento de sentido. Há também empréstimos de outras línguas, originando

*futebol*, *televisão*, *espiritismo*; como foi *abajur* (do francês abat-jour), de *deletar*, já disseminado para além da informática. “Vou te deletar da minha vida”, pode dizer um dos pares do par ex-romântico. A área das tecnologias, das inovações gera uma profusão de objetos e, portanto, de nomes. Há quem diga que nada existiria sem os nomes. Diante de um nascimento, afinal, somos compelidos a nomear. *Maiquisson*. Nesse campo dos nomes há uma bando de (re/trans)criações. E se inventaram o *mensalão*, a *bolha imobiliária*, o *camelódromo*, o *plugado*, o *tuitar*. Já houve o *brasa mora*, o *pode crer*, que se atualizaram no *tá ligado* (da *juventude transviada* aos *hipsters*). Interessantemente,

gírias marcam identidades. Mas são datadas e desaparecem, permanecendo apenas em seus remanescentes ex-jovens. Nos anos 90, um ministro usou um *imexível*, sendo motivo de pilhéria. Hoje ele tem sua dignidade linguística refeita, e a palavra, seu registro no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – a lista oficial das palavras da língua portuguesa). A palavra *coletivo* é uma que ganhou recentemente conotação para além da ideia de simples agrupamento: denomina a junção de pessoas por uma causa comum, autoria, apoio, cooperação. O Coletivo de Fotógrafos., o Nós, Mulheres da Periferia. Nesses casos, entendo que *coletivo* traduz um modo de cooperação aainstitucional (criei uma!).

Nesses tempos de confinamento dos seres em seus pequenos aquários de virtualidade, temos de pensar em *inteligência coletiva* (ouvi essa expressão no discurso sensível do paraninfo de formatura recente da Ed. Física). *Coleta* significa junção de indivíduos para o benefício do grupo. Afastamo-nos, com o tempo, dessa ideia de coletivo. Hora de retomar. Podemos, afinal, ser modernos e coletivos. Ou quem sabe *desindividualistas* e *neocoletivos*. De Manuel de Barros: *Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.*